

MASCULINIDADE(S) EM CENA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA PARTICIPANTE COM ADOLESCENTES

Jaqueline Bastos Maia¹
André Bakker da Silveira²
Milena Novinski Joly³
Alexandra Arnold Rodrigues⁴

RESUMO

Este artigo apresenta o relato e a análise de uma experiência de pesquisa participante sobre masculinidades realizada com adolescentes. A proposta buscou construir um espaço reflexivo para jovens, visando compreender as potencialidades grupais na construção de novas identidades masculinas. A metodologia fundamentou-se na psicologia social comunitária, nos estudos de gênero, em especial os trabalhos de Connell (2005), bell hooks (2018, 2025) e Welzer-Lang (2001), e nos princípios da pesquisa participante de Fals Borda (2006), com inspiração em Paulo Freire (1980, 2019). Ao longo da intervenção, os participantes foram provocados a confrontar o tema da masculinidade a partir de suas próprias vivências e de contribuições organizadas pela equipe de facilitação. Os resultados demonstram um percurso de desconstrução: o grupo transitou de visões rígidas sobre o que é ser homem para uma compreensão plural, crítica e consciente da masculinidade como construção cultural e variável. O estudo conclui que grupos reflexivos são dispositivos potentes para o engajamento crítico de jovens, permitindo que estes atuem como co-pesquisadores na problematização de padrões patriarcais e na construção de possibilidades de ser homem menos estereotipadas e mais livres.

Palavras-chave: Grupos reflexivos. Educação popular. Gênero. Juventude. Psicologia Social Comunitária.

- ¹ Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* jaqueline.maia@mail.fae.edu.
- ² Aluno do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntário do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* andre.bakker@mail.fae.edu.
- ³ Aluna do 8º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* milena.joly@mail.fae.edu.
- ⁴ Orientadora da Pesquisa. Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* alexandra.arnold@fae.edu.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o relato e a análise de uma experiência de pesquisa participante sobre masculinidades realizada por uma equipe de estudantes de psicologia com adolescentes que se identificavam como homens. A motivação dessa iniciativa surgiu como desdobramento do trabalho realizado no projeto Rizoma: Grupos Reflexivos e de Responsabilização para Autores de Violência Doméstica e Familiar, realizado da FAE Centro Universitário, que desde 2021 tem atuado com homens autores de violência encaminhados pela justiça.

Nesses espaços, em que homens são convocados a conhecer as origens e efeitos da violência baseada em gênero, bem como a repensar suas próprias socializações enquanto homens, chama atenção a recorrência de que, diante de certos conteúdos — como a história das conquistas políticas feministas — eles afirmam com surpresa e pesar que “isso deveria ser visto na escola!”, que “é a primeira vez que penso sobre isso”, e que “não existem outros espaços como este para homens”. A partir dessas experiências, buscamos propor um espaço reflexivo semelhante ao dos adultos, porém destinado a adolescentes, almejando descobrir formas de trabalhar com esse público e desvelar as potencialidades desse tipo de proposta grupal.

Portanto, nosso objetivo principal foi o de investigar a masculinidade como instituição social e sua relação com o trabalho, por meio de pesquisa participante, junto à adolescentes que se identificam como homens e que recém ingressaram no mercado de trabalho como jovens aprendizes. Tal proposta se desdobrou nos objetivos específicos: criar um espaço de construção de conhecimento e de investigação dialógica, fomentando uma cultura de pesquisa e de prevenção de violências por meio da sensibilização-reflexão; e promover mecanismos de restituição sistemática, ou seja, ações culturais organizadas para devolutiva de resultados do trabalho realizado às comunidades interessadas.

A hipótese que fundamentou a pesquisa foi a de que, assim como os adultos, também os adolescentes veriam no grupo reflexivo um espaço de construção de novas facetas da identidade masculina. Partindo dessa hipótese, ao longo de três meses, trabalhamos com um grupo de adolescentes, integrantes de uma instituição parceira com foco na profissionalização de jovens. Os participantes foram convidados a investigar a experiência de ser homem na contemporaneidade sob uma perspectiva crítico-formativa. A partir de suas vivências particulares, o processo grupal estimulou o confronto do tema, o aprofundamento conceitual e a mobilização de novas ideias capazes de gerar reverberações em suas realidades e relações pessoais e profissionais.

Para tanto, nos apoiamos nos estudos de gênero para compreender e compor com os jovens a concepção de masculinidade, articulando os trabalhos de Raewyn Connell

(2005), Pierre Bourdieu (1999), Daniel Welzer-Lang (2001) e bell hooks (2018). O projeto não teve o intuito de situar os jovens como objeto de pesquisa, mas como investigadores ativos de suas próprias realidades e experiências. Utilizamos a metodologia da pesquisa participante, embasada nos princípios de Fals Borda (2006), inspirado em Paulo Freire (2019), o que possibilitou aos jovens atuarem ativamente como co-pesquisadores, confrontando o tema a partir de suas vivências, enquanto a equipe facilitou a compreensão de conceitos e mediou contradições para aprofundar as reflexões.

O resultado desse processo foi a criação de um grupo que se tornou capaz de questionar e refletir sobre suas próprias visões acerca das masculinidades e problematizar práticas de sexismo, de violência e de opressão, particularmente contra mulheres e corpos dissidentes de gênero, mas, também, dos homens entre si e contra si mesmos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentro do campo dos estudos de gênero, o debate sobre masculinidades é relativamente recente. Ainda que sua origem possa ser localizada a partir das discussões sobre o papel masculino nos anos 1970 nos EUA (Connell, 2005), foi apenas nos últimos 40 anos que essa área ganhou maiores contornos. Esse avanço ocorreu especialmente em razão da elaboração do conceito de “masculinidade hegemônica”, nos anos 1980, e da publicação de *Masculinities*, em 1995, ambos de autoria de Raewyn Connell. Tais contribuições geraram uma série de desdobramentos, críticas e aprofundamentos para o campo.

A masculinidade hegemônica é definida por um conjunto de práticas associadas ao gênero masculino que buscam legitimar o patriarcado, sistema que mantém os homens em uma posição dominante na sociedade, gerando uma série de outras posições subordinadas, como o feminino, o homem homossexual e outras masculinidades marginalizadas (racializadas, economicamente vulnerabilizadas, entre outras) (Connell, 2005). Não se trata, assim, de uma experiência alcançada por todos os homens, mas de um ideal e de uma posição de poder.

Esse conceito é central para o presente estudo, uma vez que, a partir dele, Connell pôde defender a existência de uma pluralidade de formas de expressão do masculino que não correspondem ao modelo hegemônico. Para a autora, o fenômeno da masculinidade deve ser analisado considerando-se diferentes perspectivas, o que justifica o uso de termo masculinidades, não no singular, mas no plural. Ao associarmos essa dimensão plural com outros elementos estruturais que compõem o ser masculino — como a dominação, o patriarcado, a violência, a virilidade e o machismo — delineamos a fundamentação teórica desta pesquisa.

Tal articulação conceitual ganha contornos práticos ao se propor uma reflexão sobre o que de fato significa ser um homem na atualidade. Nesse sentido, em seu livro *Seja Homem*, JJ Bola (2020) argumenta que a compreensão da masculinidade depende inicialmente do desvelamento do patriarcado, isto é, da ideologia e da estrutura que posiciona os homens em uma lógica hierárquica de dominação sobre as mulheres. Esse sistema assegura poderes, privilégios e direitos aos homens e se ramifica do núcleo familiar até as mais diversas instituições, como a escola, a mídia e o mercado de trabalho. Desse modo, o patriarcado molda a socialização, determinando normas de como o sujeito deve agir, sentir ou se comportar tanto em relação às mulheres quanto aos seus pares.

Essa engrenagem social, conforme aponta Bourdieu (1999), evidencia que a sociedade androcêntrica e patriarcal opera por meio de uma dominação masculina revestida de naturalizações, que concretiza um poder e violência simbólica, cujas sutilezas dispensam justificações e se difundem em discursos e práticas instituídas e reproduzidas nas várias instituições sociais. Nas últimas décadas, estudos vinculados aos movimentos feministas e de gênero (Welzer-Lang, 2001; hooks, 2025) corroboram essa visão, demonstrando que a instituição masculinidade, em sua face instituída, assenta-se historicamente sobre a propagação e perpetuação dessas violências.

A naturalização da assimetria entre os sexos possui fortes raízes históricas. Laqueur (2001) pondera que durante o século XVIII, via valores iluministas, as mulheres foram categorizadas como naturalmente inferiores e incapazes de assumir responsabilidades cívicas, sob supostas diferenças sociais biologicamente explicáveis e endossadas pela medicina e outras áreas do conhecimento científico. Estes saberes elegeram diferenças sexuais supostamente intransponíveis e constituíram as bases políticas para relações hierárquicas e práticas excludentes que se aprofundaram no século XIX.

Como consequência desse processo, a experiência do homem cisgênero, heterossexual e branco foi tomada como modelo universal para compreender o mundo e a raça humana, subalternizando mulheres e formas dissidentes de gênero, gerando silenciamentos e exclusões a serviço da legitimação deste poder (Spivak, 2010). Ao incorporar esta noção de superioridade nas relações humanas e nos esquemas de compreensão do mundo, a dominação conduziu e conduz mulheres ao endosso e ajustamento a papéis sociais e posições existenciais previamente designadas, configurando modalidades de renúncia do desejo, submissão a violências e alienação de si (Bourdieu, 1999).

Segundo Zanello (2018, p.179), a dominação masculina se ramifica em múltiplas frentes, estruturando-se a partir de quatro pilares:

no mundo social (com todas as características culturais históricas e locais), contra si mesmo (embrutecimento, posteriormente, cada vez mais, controle pelos seus próprios comportamentos e afetos - ideal de “razoabilidade”), contra as mulheres (consideradas sempre como inferiores ou com qualidades incomparavelmente menos nobres), contra outros homens (tanto na competição com os iguais como no exercício de controle e subjugação dos considerados “inferiores”).

A virilidade aparece como um mito constrangedor em que os próprios homens se obrigam a sustentar uma tensão constante de afirmação identitária, amedrontados pela exclusão em potencial por não compartilhar dessa diretriz sócio-historicamente construída sobre a identidade sexual, gerando prejuízos para si e sua rede vincular. Esse constructo social é associado à potência e à força irrestrita e aparece como forma e consequência da afirmação do masculino: “é uma noção eminentemente relacional, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (Bourdieu, 1999, p. 67).

Para compreender a transmissão desses códigos, Daniel Welzer-Lang (2001) propõe o conceito de “casa-dos-homens”, um espaço simbólico que ilustra os processos da socialização masculina e como a educação informal entre garotos e homens ocorre por mimetismos de esquemas de convivência viril e práticas violentas, frequentemente materializadas em rituais de iniciação que os expõem a situações com alto risco de abuso. Esse processo exige a performance de um estereótipo rígido que estigmatiza qualquer traço que se afaste do modelo dito correto ou que se aproxime de uma referência ao feminino — tido como frágil, emotivo e instável, e que se distancia dos códigos de virilidade. Paradoxalmente “o masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo” (Welzer-Lang, 2001, p. 464).

Essa dinâmica homosocial é reforçada por Cecchetto (2004), ao reiterar que a masculinidade só pode ser validada por outros homens e nunca pelas mulheres, o que evidencia o poder da vigilância e da legitimação entre pares dentro da “casa-dos-homens”. Sob essa ótica, Bola (2020), aponta diversos mitos identitários que foram transmitidos como verdades absolutas ao longo das gerações, consolidando estereótipos para a aceitação e competição entre os homens, tais como: “homem de verdade”, “seja homem”, “homem não chora”, “claramente gay” e “homens são mais fortes que as mulheres” (Bola, 2020, p. 29-34).

Uma das dicotomias expressivas desses mitos é a representação contraditória do homem tanto como predador quanto protetor (Bola, 2020), amplamente difundida pela cultura popular e o cinema. Essa dinâmica de poder é reforçada de forma sutil e ambivalente nas performances cotidianas: cientes de que outros homens representam

uma ameaça em potencial, os sujeitos assumem uma postura defensiva e protetora, voltada prioritariamente às mulheres de sua própria família (filhas, irmãs, mães). O autor ressalta que essas crenças costumam ser reproduzidas de forma acrítica, sem a percepção de como atuam na perpetuação da misoginia, além de não comunicarem efetivamente sobre a experiência ser homem.

Essa modelação perceptiva em torno de rígidos contornos de gênero produzem o que Pedro Ambra (2012) enuncia como “vício ou paixão identitária”, ou seja, um “apego normativo” assentado em assimetrias sistematicamente consolidadas e reforçadas ao longo do tempo. Esses clichês identitários fazem eco no imaginário cultural de nossa sociedade, sob amarras que evocam fossilizações existenciais, que produzem enrijecimentos psíquicos e sofrimento.

Os impactos dessa rigidez normativa repercutem nos indicadores de saúde coletiva. De acordo com Souza (2005), a masculinidade hegemônica afasta os homens de medidas preventivas de saúde e autocuidado, frequentemente associados à fragilidade, aumentando a exposição dos homens a riscos de saúde, como a falta de proteção contra infecções sexualmente transmissíveis. Há também a exposição deliberada a situações de perigo, pois a busca pelo enfrentamento físico é performada como uma forma de obter respeito entre os pares, resultando em um aumento nas taxas de mortalidade masculina por causas externas.

No campo da saúde mental, a pressão para corresponder aos estereótipos e aos ideais de controle emocional, força a repressão de sentimentos como tristeza, medo ou insegurança. Como resultado, os homens se sentem impedidos de expressar vulnerabilidade ou buscar ajuda e tendem a investir em soluções individuais, muitas vezes recorrendo ao isolamento, agressividade ou a comportamentos autodestrutivos como falsas válvulas de escape, em vez de procurar apoio psicológico (Py, 2002). Segundo Muszkat (2006), a violência muitas vezes é uma maneira dos homens expressarem conflitos internos e sofrimento, porque a construção social da masculinidade costuma valorizar atributos como força, agressividade e dominação. Esses padrões, que fazem parte de uma cultura patriarcal e machista, reforçam a ideia de que ser homem está ligado a esses comportamentos, o que pode levar a uma cultura de violência. Além disso, a masculinidade hegemônica impõe expectativas rígidas e muitas vezes inalcançáveis, dificultando a expressão emocional e afetando tanto os homens quanto as pessoas ao seu redor (Connell, 2017). Baére e Zanella (2020) refletem esse cenário: no Brasil os homens representam aproximadamente 79% dos casos de suicídio, uma taxa três vezes maior que a das mulheres. A Organização Mundial da Saúde (2025) destaca que globalmente o suicídio é a terceira principal causa de morte entre 15 e 29 anos, com maior prevalência entre os homens.

Enquanto a letalidade masculina se volta frequentemente para si ou para as dinâmicas de criminalidade urbana, a mortalidade feminina está intrinsecamente ligada à violência doméstica e de gênero. Em 2019, cerca de um terço das mortes violentas de mulheres ocorreram em casa, geralmente cometidos por conhecidos ou parceiros e com forte teor de desprezo às mulheres, configurando o fenômeno do feminicídio (Cerqueira *et al.*, 2021). De acordo com Stenzel e Lisboa (2017), estima-se que aproximadamente 20% dos homens cometem algum tipo de violência contra suas companheiras ao longo da vida. Recentemente, a violência de gênero extrapolou para o ambiente escolar em ataques extremistas protagonizados majoritariamente por jovens do sexo masculino, cujos alvos preferenciais foram alunas e professoras, revelando um componente de misoginia nas motivações dos autores (Cara *et al.*, 2023).

Souza (2005) aponta que a leitura desse cenário não pode ser reducionista e que a violência deve ser compreendida sob uma perspectiva sistêmica e interseccional. No contexto brasileiro e latino-americano, o machismo estrutural se entrelaça a outras relações de desigualdade e opressão, como raça e classe social, exigindo que a leitura seja feita a partir da socialização histórico-cultural e da sobreposição entre outras estruturas de desigualdade e vulnerabilidades.

Essa dinâmica ganha contornos críticos na adolescência, período em que os jovens se abrem para o mundo e vivem conflitos e angústias no processo de constituição de sua identidade e subjetivação. Souza (2005) identifica uma dupla vulnerabilidade experienciada pelos jovens. De um lado, adotam comportamentos de risco que os tornam mais expostos e vulneráveis a serem alvos de violência. Por outro, vivenciam tensões e ansiedades de uma identidade ameaçada, então se utilizam de comportamentos agressivos e viris, tornando-os agentes de violência.

É nesse cenário de inseguranças que floresce a “machosfera”, um ecossistema virtual formado por grupos na internet, redes sociais, fóruns e jogos online que disseminam discursos masculinistas (Vilaça; D’Andréa, 2021). O masculinismo se fundamenta na falácia de que os avanços sociais e políticos derivados do feminismo restringem o espaço dos homens na sociedade, o que exigiria a luta pelos direitos desses homens. Seus membros se entendem como depreciados e impotentes frente a uma lógica social que privilegiaria o feminino. A machosfera representa a migração dessa ideologia para espaços online e é composta por sub culturas diversas, como *redpill*, “*alfa, beta e chad*”, “*incels*” entre outros. Esses grupos estimulam o isolamento social e a hostilidade contra as mulheres como forma de reaver uma suposta supremacia perdida (Silva, 2023).

A machosfera vem sendo apontada como um dos principais vetores de radicalização e cooptação de jovens para atos de violência extrema nos espaços educativos (Cara *et*

al., 2023). Este fenômeno é parte importante do universo sócio-cultural adolescente e masculino atual.

Apesar da rigidez histórica desse panorama, ele não é imutável e podem ser construídas rupturas a partir de novas práticas, discursos e performances. Vale-se da aposta lançada por Butler (2016), de que é possível se utilizar de instabilidades e fissuras da norma para criar novas possibilidades de performance de gênero:

como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração que fossos e fissuras são abertos [...] vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. Esta instabilidade é a possibilidade desconstitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o “sexo” é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do “sexo” em uma crise potencialmente produtiva (Butler, 2016, p. 163-164).

Essas transformações socioculturais têm sido catalisadas pelas revoluções sexuais, pelas fissuras provocadas pelo pensamento feminista (hooks, 2018), pelas formulações sobre masculinidades plurais (Connell, 2005) e têm gerado outras produções e perspectivas para a identidade masculina. Estes movimentos contribuem para uma reorganização de valores, costumes e mudanças nas referências simbólicas do masculino e do feminino, abrindo espaço para novos modelos identitários.

Nesse sentido, bell hooks (2018) esclarece em seu livro “O feminismo é para todo mundo”, em que define o feminismo como um “movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2018, p. 10), o distanciando de fantasias anti-homem. A autora evidencia que o alvo é a estrutura patriarcal na qual todos fomos socializados e sugere que é possível desatar essas amarras ao transformar a consciência e desapegar de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por práticas feministas e de equidade.

Complementarmente, Bola (2020) discorre que, para os homens, compreender os princípios do feminismo e da igualdade de gênero são mais urgentes do que se autodeclarar feminista. O autor propõe uma ação conjunta para questionar o patriarcado e rejeitar a masculinidade tóxica, compreendendo que uma sociedade baseada na mutualidade entre os gêneros beneficia a todos.

Um ponto crucial neste processo é entender que a masculinidade não é o patriarcado. Bola (2020) incita a manifestação de uma identidade masculina que não dependa de estruturas opressivas e reconheça a igualdade de gênero como propulsora para a prosperidade. Portanto, estimula a adoção do conceito de masculinidades

proposto por Connell (2005), como meio de acolher sua multiplicidade. O autor sublinha o caráter mutável dessa engrenagem:

A masculinidade é fluida e está sempre mudando. O sistema do patriarcado não é permanente: ele foi criado pelas pessoas, assim como todos os sistemas de opressão, e por isso também pode ser transformado pelas pessoas. Mas o mundo só é modificado pelas pessoas que trabalham pela visão de uma vida melhor, um caminho que satisfaz ao invés de destruir, que estimula ao invés de oprimir, que nos enche de alegria e esperança ao invés de raiva e tristeza. E é o momento certo para isso: as máscaras que os homens vêm usando por décadas, ou até por séculos, precisam ser removidas de uma vez por todas para que possamos ver os nossos verdadeiros rostos. Assim que removermos essas nossas máscaras, veremos que o que existe por trás é um reflexo de quem somos de verdade, independente de quem nós escolhemos ser (Bola, 2020, p. 167-168).

Segundo Souza (2005), o cenário atual expõe a contradição entre a performance do poder viril tradicional e a experimentação de modelos alternativos. Esses tensionamentos da masculinidade confrontam o modelo hegemônico, que associa o masculino ao poder, à virilidade e à agressividade, e permitem vislumbrar formas diversas de vivenciar a sexualidade, a experiência de ser homem no mundo e outras dinâmicas relacionais.

A desconstrução dessas amarras normativas pode ocorrer através de dispositivos socioculturais alternativos de cunho formativo crítico, nos quais as transformações eclodem em meio a repetição psicossocial. Ao proporcionar espaços de reflexão sensível sobre a própria existência, estimulam-se processos instituintes capazes de recriar o tecido social com micropolíticas que provocam rearranjos discursivos e performáticos, deslocando o sujeito para uma posição mais consciente (hooks, 2025).

Esses dispositivos de reflexão crítica sobre a própria realidade encontram ressonância em Oliveira e Oliveira (2006) que, alinhados à perspectiva freiriana, defendem o estudo da realidade vivida e sua percepção consciente como ponto de partida e matéria prima do processo educativo formativo. Ao trabalhar com grupos e movimentos sociais nos quais a imersão na realidade é condição para sua transformação, metodologias como a pesquisa-ação e pesquisa participante se consolidam como propostas profundamente comprometidas com a mudança social.

Conforme os autores, estes instrumentos viabilizam um mergulho na experiência concreta, captando a lógica dinâmica e contraditória do discurso dos sujeitos e suas relações, de modo a despertar o desejo de mudança, instrumentalizando coletivos a assumir sua experiência cotidiana tanto como fonte de conhecimento quanto como meio de ação transformadora.

Alinhados a tais proposições práticas, os grupos reflexivos se apresentam como uma modalidade potente de intervenção para abordar as temáticas ligadas às questões de gênero. Conforme Fernandes (2000), o grupo de reflexão constitui uma proposta com finalidade eminentemente operativa sendo uma subcategoria dos grupos operativos formulados por Enrique Pichon-Rivière em 1960. Segundo Osório (2000), esses dispositivos centram-se na tarefa e têm como objetivo principal a superação e resolução de situações fixas e estereotipadas, intituladas dilemáticas, possibilitando sua transição para cenários flexíveis e abertos a questionamentos, considerados dialéticos.

Os grupos operativos propiciam a construção de um Esquema Referencial Operativo (ECRO) comum. O ECRO consiste no conjunto de saberes, experiências, afetos e relações prévias dos sujeitos e que se tornam operativos, ou seja, elementos geradores de transformação, ao serem acionados em uma situação de laboratório social mediada pela tarefa. Contudo, esse processo grupal exige o manejo da resistência à mudança, pois ao mobilizar estruturas estereotipadas, a dinâmica faz emergir ansiedades e angústias ligadas ao abandono de vínculos anteriores, bem como inseguranças frente à construção de novos vínculos e esquemas referenciais (Osório, 2000).

Fernandes (2000) pondera que a modalidade do grupo reflexivo possui uma tarefa ampla, cujo foco reside no conhecimento alcançado na própria vivência coletiva, na qual se analisa não apenas as situações específicas a serem solucionadas, mas também a forma como o grupo constrói suas próprias resoluções. Por possuir tal flexibilidade, os grupos reflexivos abrem margem para novas projeções e para a construção de assuntos de forma coletiva. Para tanto, a autora destaca a importância de que o coordenador não se constitua como uma figura geradora de temor, mas como uma presença receptiva e continente capaz de atuar como um “facilitador de compreensão” (Fernandes, 2000).

A postura de horizontalidade reverbera diretamente nas escolhas terminológicas e as origens teóricas utilizadas neste artigo. Enquanto para Pichon-Rivière a figura do interventor é nomeada como coordenador ou “copensor” (Osório, 2000), Freire (1980; 2019) a denomina “educador”. Essa conexão interdisciplinar entre a proposta freireana e a teoria dos grupos operativos pichonianos já vem sendo mapeada e discutida na literatura, notadamente em contextos de educação de jovens e adultos, como no trabalho de Afonso, Vieira-Silva e Abade (2009). Alinhados a essa orientação teórica, adotaremos o termo facilitador — expressão corrente hoje nas teorias de grupo — para designar os membros da equipe de intervenção, tendo em vista o papel de mediação ocupado nesse processo. Portanto, conforme Fernandes (2000), os grupos reflexivos funcionam como catalisador para pensar transformações e rever processos de identificação, através da facilitação da expressão verbal e da vazão de conteúdos encapsulados. Esse espaço grupal se configura, portanto como um trajeto de elaboração voltado ao crescimento psicossocial e à maturidade dos sujeitos envolvidos.

Contudo, não perdemos de vista os desafios associados às resistências do reconhecimento de privilégios masculinos e, sobretudo, à implicação de abrir mão desses mesmos privilégios. Para implicar-se na transformação histórica, exige-se do homem uma tomada de posição moral que, dentro do imaginário cultural, ainda é interpretada como uma traição ao próprio grupo, sob risco de ser lançado para as margens da “casa-dos-homens” (Welzer-Lang, 2001).

A aposta desse processo de reflexão e transformação situa-se justamente na flexibilização desses contornos identitários e na construção de laços sociais mais saudáveis, premissas fundamentais para vislumbrar a superação de relações de opressão.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo é uma proposta de pesquisa qualitativa, de caráter participante, fundamentada nos pilares epistemológicos e teóricos da psicologia social crítica, estudos de gênero e antropologia das masculinidades. Partimos de uma revisão de literatura narrativa que buscou reunir as principais contribuições sobre os temas citados e subsidiou a atuação em campo. Novas leituras foram consideradas durante todo o percurso da pesquisa, de maneira a revitalizar a intervenção (Oliveira; Oliveira, 2006).

A pesquisa participante é uma metodologia que envolve práticas dialogais, escolha conjunta de um método investigativo, eleição coletiva dos conteúdos associados ao objeto de estudo, criação de cultura de pesquisa mediante popularização, apropriação de técnicas de pesquisa e a restituição sistemática do conhecimento produzido pelo grupo às comunidades interessadas (Borda, 2006) — neste caso, a elaboração de um episódio de *podcast* com os participantes, conforme explicado à diante. Para viabilizar o processo, nos apoiamos nos temas geradores de Paulo Freire (1980), os quais emergiram horizontalmente da realidade existencial dos participantes.

Para a execução do estudo, estabelecemos uma parceria com a ELO Apoio Social e Ambiental, organização do terceiro setor sediada em Curitiba/PR, voltada à qualificação profissional de jovens em processo de entrada no mercado de trabalho. A pesquisa envolveu um grupo de adolescentes selecionados por critérios de intencionalidade e conveniência. Como requisitos para a inclusão dos jovens na pesquisa, consideramos o enquadramento na faixa etária, a compatibilidade de horários, o interesse voluntário em participar e a entrega assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis e do Termo de Assentimento pelos jovens.

A amostra foi constituída por oito adolescentes que se identificavam como homens, com idades entre 15 e 17 anos, residentes no município de Curitiba/PR. Em

relação ao contexto socioeducacional e laboral, todos estudavam na rede pública de ensino e atuavam profissionalmente como jovens aprendizes em setores operacionais de empresas do ramo moveleiro, sendo que a maioria contribui ativamente no auxílio da renda familiar. Por opção do desenho metodológico da intervenção, que tinha como foco a reflexão conjunta com os participantes como sujeitos pesquisadores e não como objetos de investigação, não foi feito um levantamento sociodemográfico mais amplo, como o nível exato de renda familiar ou outros marcadores sociais, como raça e orientação sexual.

Nossa imersão em campo foi de março a junho de 2026 e iniciou pela apresentação da proposta ao grupo indicado pela organização parceira, no caso, objetivos, procedimentos, tempo de realização e explicação sobre diário de campo. Reiteramos a manutenção do sigilo, o caráter anônimo e o uso acadêmico das informações, reforçando a propriedade coletiva do conhecimento e propusemos o uso de um canal de comunicação entre os envolvidos, através de um grupo de *Whatsapp*. Os encontros ocorreram na própria instituição e em sala equipada com mobiliário e material audiovisual.

Ao tratarmos sobre masculinidades e mundo do trabalho com adolescentes, buscamos captar as ideias, compreensões e práticas que estes apresentaram espontaneamente para devolvê-las de forma estruturada, para facilitar a análise e reflexão crítica sobre a realidade e vislumbrar a criação de novas formas de expressão. Nesse sentido, os adolescentes se apropriaram do lugar de co-pesquisadores, participando ativamente na elaboração dos temas geradores, das discussões e da produção do conhecimento. Coube a nós o papel de facilitação do processo grupal, promovendo um ambiente dialógico, oferecendo aportes teóricos e propondo debates para aprofundar as questões levantadas, sem assumir uma posição de detentoras do saber (Freire, 1980, 2019; Borda, 2006; Fernandes, 2000). A produção dos dados ocorreu por meio da observação participante, produções coletivas e registros em diário de campo, sendo analisados qualitativamente de forma contínua e articulados aos aportes teóricos.

Neste artigo as falas dos participantes serão apresentadas entre aspas, preservando sua autenticidade e espontaneidade. Entretanto, optamos por omitir a identificação individual dos adolescentes, com o objetivo de auxiliar na fluidez da leitura e de reconhecer que as reflexões produzidas são de caráter coletivo. Como enunciado por eles, o foco não foram suas perspectivas individuais, mas o resultado do trabalho do grupo como um todo.

A intervenção em campo foi organizada em doze encontros semanais, precedidos de uma visita institucional inicial. Os encontros iniciais alinharam acordos coletivos e propiciaram a formação de vínculos, respaldados por atividades de autoconhecimento. Em seguida, debates baseados em vídeos, dados e leituras permitiram problematizar

criticamente as masculinidades através de temas geradores. Por fim, o grupo gravou um *podcast*⁵ baseado em perguntas dos participantes e reflexões da experiência, material que foi compartilhado com a instituição e o público geral. O percurso foi assim distribuído:

- Visita inicial: apresentação da equipe, exposição da proposta aos adolescentes e realização de convite para participação da pesquisa.
- Encontro 1: conversa e delimitação de acordos e enquadre do grupo. Debate sobre a questão “o que é ser homem?” e discussão inicial sobre noções de ser provedor, frustrações, agressividade e saúde mental masculina.
- Encontro 2: apresentação individual através da dinâmica da “bandeira pessoal”, aprofundamento sobre a figura de provedor.
- Encontro 3: reflexão sobre válvulas de escape, permissões e barreiras sociais e os impactos da exigência de parecer forte.
- Encontro 4: dinâmica sobre dilemas cotidianos, desenvolvimento de habilidades relacionais, práticas de cuidado e expressão de vulnerabilidades.
- Encontro 5: debate entre subgrupos sobre o dilema “cavalheirismo x gentileza”, com reflexões sobre intenções, disfarces e determinantes históricos, sociais e biológicos dos papéis de gênero.
- Encontro 6: conceituação de machismo, construção de nuvem de palavras digital e debate sobre equidade de gênero.
- Encontro 7: leitura conjunta do prefácio da obra “Seja Homem: a masculinidade desmascarada” de Bola (2020). Discussão sobre os tipos de violência, sexismo e feminicídio no Brasil. Fundamentação do conceito de feminismo a partir da leitura de trechos do livro “O feminismo é para todo mundo” de hooks (2018).
- Encontro 8: dinâmica sobre leis e marcos históricos dos direitos das mulheres nos últimos cem anos e leitura compartilhada do capítulo 5 do livro “Seja Homem: a masculinidade desmascarada” de Bola (2020).
- Encontro 9: leitura do capítulo 7 do livro “Seja Homem: a masculinidade desmascarada” de Bola (2020), debate sobre cultura digital, redes sociais e machosfera. Apresentação do conceito “casa-dos-homens” (Welzer-Lang, 2021).
- Encontro 10: discussão sobre a “casa-dos-homens” a partir de mapa mental e leitura de trechos do artigo “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia” de Welzer-Lang (2001), exibição de vídeo sobre gênero através da história e debate de reportagem sobre machosfera. Discussão do capítulo final do

⁵ O *podcast* pode ser acessado pelo link: <https://soundcloud.com/pesquisa-participante/masculinidade-s-em-cena>

livro “Seja Homem: a masculinidade desmascarada” de Bola (2020).

- Encontro 11: roteirização, gravação e produção do episódio de podcast.
- Encontro 12: autoavaliação coletiva do processo, síntese das reflexões do grupo e encerramento das atividades em campo.

Os temas geradores abordados em cada encontro não foram pré-definidos antes da entrada em campo, foram sendo construídos e propostos ao longo do processo, em que a partir das falas e questionamentos dos participantes, a equipe de facilitação identificava os principais assuntos a serem abordados, estando eles em consonância com o levantamento bibliográfico realizado pela equipe.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nas subseções a seguir, apresentamos relatos dos encontros e propomos articulações teóricas a partir das principais observações e reflexões alcançadas. As descrições seguem um formato cronológico, porém flexível, pois não tratamos o percurso de forma linear, encontro a encontro, mas destacamos os momentos chave que definiram os rumos do trabalho. Os tópicos foram escolhidos pela relevância e destaque que tiveram, pois constituíram marcos determinantes da pesquisa.

Organizamos as análises em três eixos que refletem o desenvolvimento das percepções do grupo, que partiu de uma visão rígida de masculinidade, passando pela problematização acerca do feminismo e chegando a uma nova compreensão, mais ampla e inclusiva sobre o que é ser homem.

Como ponto de partida, relatamos os momentos iniciais do trabalho e como a questão norteadora “o que é ser homem?” foi central para o processo, já que as respostas a esse questionamento mobilizaram temas geradores (Freire, 1980, 2019).

Na sequência, exploramos como o feminismo emergiu como ponto de conflito, pois embora os jovens valorizassem a igualdade entre os gêneros, demonstravam forte desconfiança por achar que o movimento já havia alcançado seus objetivos e que, contemporaneamente, era visto por eles como uma “exclusão entre homens e mulheres”. Mostraremos como a problematização dessa contradição, que defendia a igualdade, mas ignorava as desigualdades históricas e estruturais de gênero, marcou a virada para a conscientização e a responsabilização coletiva.

Por fim, retomaremos o debate sobre a construção do masculino articulando o conceito de “casa-dos-homens” (Welzer-Lang, 2001), por meio do qual alguns dos

participantes identificaram as estruturas de socialização em que estavam inseridos, como veremos à frente.

Essa forma de relatar o que vivenciamos vai ao encontro do que sentimos ao analisar a experiência em campo retrospectivamente, pois, no fim notamos que a rigidez de percepções havia dado lugar a uma leveza. Se os jovens começaram com respostas fechadas sobre o que é ser homem, terminaram tolerando as dúvidas e a ausência de respostas fixas.

3.1 “O QUE É SER HOMEM? SER PROVIDOR!”

Logo nas primeiras interações da equipe de facilitação com o grupo, surgiu a demanda de tentar responder até o final do projeto à questão sobre o que é ser homem e quais características definem essa categoria. Nesse primeiro momento, os principais atributos masculinos positivos foram listados pelos jovens como: “responsabilidade”, “caráter”, “ética”, “respeito”, “dignidade”, “proteção”, “força” e “honra”. Contrariamente, as características negativas foram: “luxúria”, “ganância” e “falta de autocuidado” (em sentidos de saúde física, mas, principalmente, emocional). A rapidez com que o grupo se engajou a responder — e quase todos os jovens emitiram opinião nesse momento — gerou surpresa, pois não houve nenhuma integração ou aquecimento prévio. Os jovens simplesmente iniciaram um fluxo de falas, como se uma porta de possibilidades tivesse se aberto e aquelas ideias estivessem prontas para serem enunciadas.

A partir dessas noções, começamos a investigar mais sobre a ideia de falta de autocuidado. Nesse ponto, os jovens relataram terem sido ensinados que homens “precisam proteger”, “ser um porto seguro”, “engolir o choro”, que nunca aprenderam a expor seus sentimentos e que não conseguem se abrir com familiares ou amigos, pois se sentem julgados. Diante desses relatos, indagamos sobre o sentido da ideia de proteção e porto seguro que expressaram. A maioria afirmou que não tinham alguém com quem contasse como um porto seguro, mas que eram, eles próprios, o porto seguro de alguém. Além disso, apenas em algumas situações conseguiam sentir confiança em outra pessoa (como na mãe, em amigas e amigos).

Relataram que os momentos que se abrem para falar sobre seus problemas costumam acontecer quando estão extremamente cansados e sobrecarregados, e que raramente o fazem, pois ao se abrirem, estariam passando o peso que carregam para outros, decepcionando alguém e não conseguiriam manter a imagem que criaram — imagem de que conseguem resolver seus próprios problemas. Admitiram que apesar de terem sentimentos, não os demonstram para não parecerem fracos, pois, segundo

eles, se “o problema é meu, eu tenho que resolver” e “homem não tem que mostrar fragilidade”, “homem só tem que ser homem”.

Essas perspectivas apareceram de forma muito natural e houve consenso de que todos eram afetados por essas noções. Apesar disso, compreendiam que essas ideias lhes foram impostas e demonstraram não estar totalmente de acordo com elas. Frente a essas considerações, o grupo chegou a algumas questões que gostariam de tentar responder, dentre as quais: “por que os homens querem sempre prover?”

Em um novo encontro, direcionamos essa questão a eles pedindo para que explicassem e dessem exemplos do que entendiam estar contido na ação de prover. Respostas como “proteção física”, “dinheiro”, “confiança”, “presença”, “segurar as pontas”, “cuidar”, “cumprir promessas”, “apoiar”, “escutar” e “respeitar” foram comuns e, após debate, chegamos à conclusão de que não se trata exclusivamente de uma função masculina. Conforme ponderou um dos adolescentes: “meu pai e minha mãe [são os provedores de nossa casa], porque ela trabalha e também provê dinheiro [...], acho massa mulheres que provêm também”. Nessa oportunidade, comentamos que em alguns países as mulheres que atuam exclusivamente nas tarefas domésticas têm acesso à aposentadoria e perguntamos se isso fazia sentido. Alguns participantes responderam que sim e um deles ressaltou que as tarefas domésticas são muito trabalhosas e cansativas.

Como demonstrado pelas falas dos participantes, a noção de provedor era ampla, passando pela ideia de ser capaz de sustentar financeiramente um lar ou família, mas também pela percepção de que ser capaz de se conter emocionalmente torna um homem apto a garantir a existência de outras pessoas. Segundo os adolescentes, o homem protege, com sua responsabilidade, força e honra. Conforme a perspectiva trazida por eles, o prover só ocorreria quando se alcançasse a independência (emocional e financeira) e, a partir dela, abriria-se a capacidade de sustentar os outros. Nesse sentido, um homem não deveria demonstrar emoções nem fragilidade. Um homem “resolve” e “aguenta”.

Ao associarmos a masculinidade com a capacidade de prover, vamos ao encontro do que Connell (2005) descreve como uma noção essencialista de masculinidade, isto é, a busca por uma característica que responda definitivamente à pergunta “o que é ser homem?”, algo como uma condição necessária e suficiente. Para a autora “definições essencialistas geralmente escolhem uma característica que define o núcleo essencial do masculino e estruturam uma explicação sobre a vida dos homens em torno dela” (Connell, 2005, p. 68, tradução nossa).⁶

⁶ Texto original: “*essentialist definitions usually pick a feature that defines the core of the masculine, and hang an account of men’s lives on that*”.

Mas essa caracterização não foi a única que apareceu nos encontros. O primeiro ponto de aprofundamento em campo se deu quando, pela primeira vez, fomos confrontadas diretamente pelos jovens. Em meio a um debate sobre papéis de gênero, um adolescente propôs uma questão direcionada a uma das facilitadoras: “o cavalheirismo deve ser algo esperado dos homens, por exemplo, abrir a porta para uma dama?”. A facilitadora respondeu que a ideia de gentileza, em vez de cavalheirismo, fazia mais sentido para ela, pois “alguém pode ser gentil com qualquer pessoa, independentemente de sexo ou gênero”. Ao desdobrarmos a questão, entendemos que o que estava posto era uma dúvida sobre se homens ainda deveriam ser cavalheiros ou se essa prática havia se perdido.

Entendemos essa intervenção direta como uma oportunidade de entrar em questões mais complexas e então decidimos dedicar um encontro para um debate sobre gentileza e cavalheirismo. Para isso, dividimos os pesquisadores em dois grupos e orientamos que argumentassem contra e a favor do cavalheirismo. O confronto, porém, mostrou-se pouco frutífero, uma vez que ambos os grupos acabaram por fazer uso dos mesmos argumentos.

Em defesa dessa ideia, disseram apenas que no cavalheirismo pode haver algo a mais, como a conquista de mulheres, mas que há, também, “respeito e uma bondade”, uma “gentileza mais afetiva”, que aprenderam a ser cavalheiros por meio dos filmes e que um cavalheiro protege as mulheres, ou quem importa para ele. Contrariamente, afirmaram que “boas ações não deveriam ter segundas intenções”, e que “mulheres não precisam de cavalheirismo, precisam de gentileza”. Entretanto, acabaram concluindo que o cavalheirismo seria apenas “um nome bonito para gentileza” e que a expressão trata de algo tradicional, antigo.

Em certo ponto, iniciou-se uma discussão sobre as diferenças entre homens e mulheres, sob o argumento de que mulheres seriam “biologicamente mais fracas” e, portanto, certas tarefas deveriam ser realizadas, prioritariamente, mas não exclusivamente, por homens, o que poderia justificar o cavalheirismo, já que seria algo “mais físico” e naturalmente coerente. Tal colocação, trazida por um dos participantes, foi entendida por parte do grupo como uma ideia machista e incompatível com o que deveria ser o ato de um cavalheiro. Disseram: “cavalheirismo não é machismo [já que se trata de uma expressão da gentileza]”.

O debate sobre quem seriam os polos ativos e passivos de gestos de cavalheirismo introduziu, indiretamente, uma avaliação sobre papéis de gênero e sobre o machismo. Afinal, o que cabe aos homens e às mulheres? Existem tarefas que não devem ser feitas por eles ou por elas? Como expressaram: “você ter que lavar a louça é diferente de

você ter que lavar a louça porque é mulher”. Apesar de defenderem que a igualdade entre sexos/gêneros era importante, entendiam que existiam diferenças claras entre homens e mulheres, mas que elas não implicariam nenhum tipo de superioridade, pois “não tem como ser superior a algo que é diferente”.

Todas as dúvidas que surgiram nessas discussões pareciam carregar elementos sobre quais características definiriam um homem e como um homem deveria se comportar. A ideia de ser um provedor e a pergunta sobre cavalheirismo pareciam conter uma angústia ligada à dificuldade de compreender como um jovem homem deve se portar na atualidade.

Susana Muszkat defende a ideia de que alguns homens enfrentam um “desamparo identitário” (2021), definido por ela como uma “[...] forma de funcionamento mental e social, construída a partir de ideais culturais nos quais estes homens ficam mergulhados em função da precariedade da rede de significados de que dispõem como definidores do que é masculino e feminino” (Muszkat, 2008, p. 129). Por isso, certos atos de violência masculina contemporâneos seriam tentativas de retomada de um poder sentido como perdido. Para a autora, a “[...] violência que é praticada não como resultado de um sentimento de força e poder de um sobre o outro, mas em função de um sentimento muito desnorteador de precariedade pessoal, de fracasso, de perda de identidade” (Muszkat, 2021, p. 44-45).

O debate sobre gentileza e cavalheirismo evidenciou esse desamparo. Embora sem violência explícita, a dúvida sobre o comportamento correto e a busca por validação direcionada a uma facilitadora mulher revelaram, naquele momento, frustração, insegurança e a busca por um direcionamento inequívoco.

Talvez possamos dizer que a dúvida subjacente era: qual a forma correta de ser homem hoje em dia? Nessa mesma linha, revelaram no último dia o “medo de falar coisas absurdas” durante os encontros, uma preocupação que esteve presente, ao longo do projeto, e que expressa o receio de serem julgados pelas suas ideias e opiniões.

A expressão dessas aflições revela os impactos afetivos dos grupos reflexivos e de investigação. O contato com perspectivas divergentes e novas informações altera a percepção e a experiência da realidade, gerando ansiedades e resistências. Notamos em algumas situações em que surgiam conflitos ou contradições entre si ou eram confrontados por nós, que os jovens se incomodavam, recorriam ao celular, se manifestavam veementemente ou com cuidado excessivo.

O surgimento do tema cavalheirismo condiz com a busca por retomar um referencial que antes era sólido, mas que se tornou frágil, inseguro ou perdido. Além disso, o termo “dama” utilizado para se referir às mulheres, também denota uma forma

de manutenção ou restauração de uma concepção de relação de outro tempo, em que os papéis de gênero eram mais bem definidos.

Com isso, o cavalheirismo aparece, também, como uma característica definidora da masculinidade, mas, nesse caso, em um modelo designado por Connell como “normativo” (2005, p. 70), que é estruturado a partir da imagem do que os homens deveriam ser. A noção apresentada anteriormente, do masculino como provedor, também pode ser analisada por esse viés. Na interlocução entre o modelo essencialista e o normativo presentes nas observações dos co-pesquisadores, pode haver uma manifestação da masculinidade hegemônica idealizada. Os jovens parecem estar sujeitos a um processo de vir a ser homem que não se realiza no momento da vida em que estão. Tanto o cavalheirismo quanto o prover são metas a serem alcançadas e não situações com as quais os jovens se identificavam perfeitamente. Na prática, aquilo que descreviam como masculino não correspondia exatamente às suas próprias identidades. Como explica Connell (2005), essas formas de definir o masculino geram paradoxos e contradições difíceis de superar, pois apresentam normas que quase ninguém consegue cumprir.

A noção de gentileza, apresentada por uma das facilitadoras como substituidora do cavalheirismo, ainda que não perfeitamente, serviu como forma de amarrar a intenção de ser um bom homem (ou uma boa pessoa), independentemente do sexo ou gênero do outro, surgindo como uma atualização possível. Nessa mesma linha, apesar de terem apontado o ser provedor como característica definidora da masculinidade, quando os provocamos sobre quais outras formas de prover existiriam, entenderam que os cuidados domésticos e a capacidade de acolhimento emocional, tipicamente associados ao feminino, também poderiam compor a noção de provedor.

Assim, conjuntamente, acabamos por encontrar a fragilidade das noções essencialistas e normativas, em acordo com o que aponta Connell, uma vez que “a fragilidade da abordagem essencialista é evidente: a escolha da essência é bastante arbitrária” (2005, p. 69, tradução nossa).⁷ Diante da arbitrariedade e das contradições percebidas nas respostas essencialistas, seria preciso procurar outras maneiras de compreender a masculinidade.

Durante boa parte do processo, sempre que confrontados com a questão, “o que é ser homem?”, os jovens tendiam a centralizar suas respostas em algumas características, mas, pouco a pouco, foram as transformando em explanações mais elaboradas e reflexivas. Foi se tornando evidente que toda descrição depende de um ponto de vista,

⁷ Texto original: *The weakness in the essentialist approach is obvious: the choice of the essence is quite arbitrary*”.

isto é, “afirmações sobre uma base universal da masculinidade dizem-nos mais sobre o *ethos* de quem as faz do que sobre qualquer outra coisa”(Connell, 2005, p. 69, tradução nossa),⁸ ideia que acabaria por direcionar uma das conclusões apresentadas pelo grupo no fim do processo. Como será demonstrado adiante, a masculinidade deixou de ser explicada pelo grupo a partir de características fixas, estáticas e pré-determinadas e passou a ser percebida como algo culturalmente variável.

3.2 O FEMINISMO AINDA É ÚTIL?

Como demonstrado no tópico anterior, o debate sobre as relações de gênero emergiu a partir de falas como “você ter que lavar a louça é diferente de você ter que lavar a louça porque é mulher”, “homem é biologicamente mais forte” e “não tem como ser superior a algo que é diferente”. Esses fragmentos evidenciaram que o machismo operava como um tema latente, tangenciando as interações do grupo sem que houvesse, até então, uma discussão direta e aberta sobre o assunto.

Visando aprofundar a temática, propomos a construção de uma nuvem de palavras digital e anônima para mapear as percepções imediatas sobre o machismo. A partir deste momento, nós adotamos uma postura mais ativa, levando dados e recursos estruturados para os encontros, tendo em vista que os participantes começaram a trazer perguntas diretas e demonstravam querer informações mais estruturadas. Essa mudança metodológica alterou positivamente a dinâmica grupal, que resultou em um engajamento expressivo dos jovens na nova proposta.

A nuvem de palavras sobre o machismo destacou os termos “superioridade” e “pressão” como os mais frequentes, seguidos por: “agressão”, “violência”, “opressão”, “imaturidade”, “egocêntrico”, “agressão doméstica”, “superioridade masculina”, “falsa superioridade”, “falta de respeito”, “sexismo”, “ruim”, “prisão (física e psicológica)”, “misoginia”, “a mulher sofre muito”, “a mulher quer se destacar” e “a mulher mente”.

Ao verem os resultados, instigamos os participantes a comentar e debater sobre elas e houve um consenso coletivo de que “não fazia sentido” afirmar que as mulheres mentem ou querem apenas se destacar. Na sequência, para balizar conceitualmente, apresentamos definições contemporâneas sobre o machismo a partir das quais discutimos os impactos do fenômeno para ambos os gêneros.

Os jovens reconheceram que as mulheres sofrem uma opressão maior, que limita suas liberdades físicas e financeiras, e compartilharam relatos de violência contra a

⁸ Texto original: “*Claims about a universal basis of masculinity tell us more about the ethos of the claimant than about anything else*”.

mulher testemunhados em seus cotidianos. Além disso, refletiram como no ambiente de trabalho deles há uma diferença no tratamento entre homens e mulheres, onde por vezes são tratadas como “café com leite”, sendo poupadas de fazer esforços físicos, mas que em cenários de acúmulo de funções ou precarização das condições de trabalho, elas costumam reclamar e são atendidas em seus pedidos. Entretanto, disseram que os homens tendem a se silenciar diante de abusos trabalhistas por medo de demissão ou de sofrerem sendo alvo de brincadeiras e piadas, perpetuando o imperativo social de que devem “engolir o choro e não reclamar”. Esse relato reflete a dinâmica da “casa-dos-homens” de Welzer-Lang (2001), explorada mais a frente, e a pressão em torno dos mitos identitários e estereótipos da identidade masculina percorridos por Bola (2020).

No decorrer das reflexões, emergiu a indagação “o que é feminismo?”. Ao devolver o questionamento ao grupo, surgiram inicialmente visões distorcidas, classificando-o como um “termo perdido” que, embora devesse pregar a igualdade se transformou em um “discurso de não precisar dos homens”, tornando-se “inútil” após a inserção da mulher no mercado de trabalho. Neste contexto, um dos adolescentes trouxe o termo “femismo” e orientamos os jovens a pesquisar sua definição. Após a busca, eles sintetizaram o femismo como a busca pela “superioridade da mulher” e feminismo como a busca pela “igualdade entre homens e mulheres”.

Por reconhecermos algumas lacunas conceituais, revelou-se a necessidade de aprofundar temas como feminismo, equidade de gênero, sexismo, misoginia e violência nas intervenções seguintes. Foi utilizado como disparador o prefácio do livro “Seja Homem: a masculinidade desmascarada” (Bola, 2020), escrito pelo cantor Emicida, permitindo conectar as discussões sobre masculinidades e violência à realidade e experiências dos adolescentes. Debates sobre a exigência social de um “padrão de homem”, o caráter processual da constituição da masculinidade e as múltiplas formas de violência, vista como ato e como linguagem e que aparece em diversas escalas, desde atos cotidianos até sistemas estruturais.

Ao levantarmos a questão se mulheres poderiam ser machistas ou homens poderiam ser feministas, o grupo respondeu positivamente à primeira provocação, mas demonstrou forte resistência à segunda, sendo o comentário prevalente de que um homem feminista seria “contraditório a si mesmo”, justificando a fala a partir de discursos e estereótipos recorrentes na internet, como “toda feminista é chata” e “[elas] dizem que nenhum homem presta”. Os jovens demonstraram validar o “feminismo de antigamente”, mas rejeitavam as manifestações contemporâneas do movimento, por percebê-lo como excludente.

Para desmistificar e esclarecer essas percepções, a equipe de facilitação contextualiza o feminismo como um movimento plural e histórico, composto por diferentes correntes e conquistas históricas, cujo propósito central reside na construção da mutualidade e na desconstrução de papéis rígidos que aprisionam todos os gêneros. Apresentamos dados epidemiológicos sobre violência de gênero, feminicídio, suicídio e saúde mental e, embora tenham causado impacto, os participantes pontuaram que a violência contra a mulher acabou sendo normalizada socialmente. Iniciou-se um debate sobre direitos humanos e políticas públicas, que foi aprofundado no encontro seguinte através de uma dinâmica apresentada adiante. No decorrer do debate, o facilitador homem, que compõe o trio junto com duas mulheres feministas, se autodeclarou homem feminista, o que gerou um efeito mobilizador, encorajando os jovens rapazes a se posicionarem favoravelmente ao movimento.

Como forma de consolidar o entendimento sobre o feminismo, recorreu-se à leitura conjunta de trechos do livro “O feminismo é para todo mundo” de bell hooks (2018), obra em que a autora define o conceito e o explica de forma didática e aprofundada. A partir dessa leitura, emergiram questionamentos sobre o potencial do movimento para erradicar as opressões e transformar o mundo. Pontuamos que o feminismo constitui um caminho indispensável, mas não autossuficiente, pois, sob a ótica de hooks (2018), a mudança social efetiva exige a articulação intersetorial com o combate ao racismo, ao elitismo e ao imperialismo. O grupo concluiu que o movimento feminista permanece relevante e útil até hoje na busca pela equidade e mutualidade entre todos os seres humanos.

A autoavaliação contínua do processo revelou mudanças longitudinais nas percepções dos participantes. No encontro seguinte, ao perguntarmos se esperavam debater sobre feminismo em um grupo de masculinidades, alguns disseram que já esperavam, outros não tinham refletido, mas que fez sentido a discussão. Como disse um dos jovens: “saí do encontro passado mais feminista do que entrei”. Em consonância com Bola (2020), o objetivo central do debate não foi induzir os sujeitos a se autodeclararem como feminista, mas sim instrumentalizá-los para reconhecer o sexismo e os efeitos da estrutura patriarcal, vislumbrando uma sociedade baseada na alteridade.

Na sequência, realizamos uma dinâmica sobre legislações e marcos jurídicos dos últimos cem anos para materializar as conquistas civis femininas, atividade que contou com a participação ativa e engajada de todos. O debate gerou uma surpresa generalizada em relação à jovialidade das leis e os jovens se espantaram com o fato de algumas conquistas básicas serem tão recentes, argumentando que algumas delas, como a legítima defesa da honra, “jamais deveria ter existido”. O fechamento da dinâmica convergiu para o questionamento de um participante sobre a responsabilização individual e coletiva dos

jovens diante das opressões de gênero. Esse desfecho alinha-se à proposição de Bola (2020), que convoca os homens a reconhecerem os privilégios patriarcais e a agirem ativamente na desconstrução desses mecanismos junto aos seus pares.

3.3 “O QUE É SER HOMEM? DEPENDE, NÃO É ALGO FIXO”

No decorrer dos encontros, o grupo reconheceu que os primeiros referenciais sobre como ser homem, foram apreendidos dentro da família e na convivência com outros homens, como os pais, irmãos, familiares próximos, amigos, colegas da escola e até através das redes sociais. Dessa forma, os comportamentos foram moldados a partir das expectativas desses pares, fossem sobre como agir, falar, vestir, se relacionar ou se expressar.

Diante de reflexões e comentários como esses, pouco a pouco sentimos a necessidade de apresentar um dos conceitos centrais estudados nos meses de preparação para ida a campo, a “casa-dos-homens”, de Daniel Welzer-Lang (2001). Para o autor, trata-se de um contexto “[...] onde a homossociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade” (Welzer-Lang, 2001, p.462). Com o tempo, cada homem passa de iniciado a iniciador. A incorporação desse referencial foi recebida com bastante interesse por parte do grupo, que manifestou forte identificação com o conceito, o que demonstra que o vínculo entre a equipe de facilitação e os jovens estava se intensificando.

Segundo Welzer-Lang (2001), dentro dessa casa simbólica acontecem processos de socialização masculina, em que primeiramente, os homens aprendem certas regras da masculinidade, como não demonstrar fragilidade, ser forte, dominante e rejeitar comportamentos associados ao feminino. Também vivenciam a hierarquia, pois nem todos os homens ocupam o mesmo lugar, como se houvesse uma espécie de escada, cujo cada degrau representa uma etapa a mais na escala da masculinidade hegemônica. Nesse sentido, homens brancos, fisicamente mais fortes, heterossexuais e ricos estão em uma posição de dominância e o restante, homens considerados fracos, sensíveis, gays, ou seja, feminilizados, estão abaixo em uma posição de subalternização.

Em um dos encontros, utilizamos a analogia da escada para ilustrar a relação entre masculinidade hegemônica e subalterna, unindo as conceituações de Welzer-Lang (2001) e Connell (2005). Com isso, os adolescentes demonstram compreensão de como opera a dinâmica de controle e vigilância entre homens, uma vez que reconheceram como os próprios homens policiam uns aos outros por meio de piadas, humilhações, pressões de grupo, violência simbólica ou física.

Comentando sobre suas experiências pessoais, os adolescentes demonstraram que os espaços de socialização dos homens impõem uma vigilância constante que geram validação ou invalidação da masculinidade. Muitos exemplos de suas infâncias foram apresentados, especialmente situações em que tiveram sentimentos reprimidos e sofreram agressões por expressarem emoções ou dor. Chegaram a comentar que a participação no grupo foi questionada por familiares, pois espaços de troca como aqueles poderiam torná-los “viadinhos”, o que talvez tenha sido o relato que mais representou a força coercitiva da casa-dos-homens ao longo dos encontros. Dito de outro modo, foi a expressão de um alerta: seu lugar na casa-dos-homens está em risco.

Além das interações cotidianas com familiares e homens mais velhos no trabalho, os adolescentes conseguiram identificar que a internet também exerce forte influência. Atualmente, os jogos, redes sociais e influenciadores reforçam e impõe noções de masculinidade tóxicas, como a concepção de homens *alfas*, *betas* e *incels*, ideias do chamado masculinismo, provenientes da “machosfera” (Vilaça; D’Andréa, 2021; Silva, 2023), que impõe expectativas irreais na aparência física e comportamental dos meninos, além de disseminar ideias misóginas.

Apesar do masculinismo ser um tema que parece estar transversalmente presente, como demonstrado pelas compreensões prévias acerca do feminismo, assim que entramos diretamente nos conteúdos da machosfera eles pareceram achar tudo aquilo risível: “essas coisas só existem na internet, no mundo real não”.

Desse modo, as discussões e vivências compartilhadas levaram os adolescentes a questionar mecanismos naturalizados das masculinidades, promovendo uma tomada de consciência, posicionamento e até mesmo, responsabilização. Eles entenderam que não são culpados pela forma como foram criados e pelas características negativas que os homens têm, mas expressaram a possibilidade de mudança, caminhando em direção a uma “conscientização” (Freire, 1980)⁹.

Ao fim do projeto, retomamos a questão posta ao grupo nos encontros iniciais: “o que é ser homem?”. Nesse momento, surgiram respostas que apontavam para a ideia de que a masculinidade depende do contexto, da cultura, da criação e das experiências de cada sujeito, sendo essa uma das principais reflexões do grupo. Nas palavras deles: “não existe uma única forma de ser homem”; “ser homem não é algo fixo”; “pra mim é cultura, cada um é criado de uma forma, não é igual para ninguém”; “o certo era não existir essa pergunta, porque para cada um vai ser diferente. Não devia existir um patamar para ser considerado homem”; “tudo o que a gente pensa sobre o que é ser

⁹ É importante destacar que essa transformação foi percebida por uma das pedagogas da instituição. Nas palavras dela, alguns jovens “estavam mudados, mais carinhosos”.

homem, ser mulher ou outras formas, é só cultura mesmo”; “ser homem talvez seja isso, tentar se encaixar num perfil social, [...] um homem padrão”.

Ao longo dos encontros, os adolescentes demonstraram maior reflexão sobre conceitos discutidos: embora reconhecessem a pluralidade do ser homem, identificaram a rigidez dos padrões sociais que lhes são impostos, especialmente a exigência de prover, ser forte, racional e reprimir expressões emocionais. Essas concepções dialogam com as concepções de Bourdieu (1999) e Zanello (2018), que apontam a existência de dispositivos sociais, que determinam formas de dominação masculina.

Nesse mesmo contexto, seus temores ainda estavam presentes, ao relatarem que os estereótipos de masculinidades têm fortes raízes e o afastamento de tais padrões e suas transformações são lentas. Percebemos que reconheceram como a masculinidade hegemônica ainda tem correlação com vulnerabilidade, assim como apresentado por Souza (2005), pois tende a favorecer a repressão emocional e o uso de estratégias pouco saudáveis de enfrentamento do sofrimento (Py, 2002). Além disso, houve a compreensão das nuances e multiplicidades que compõem o processo de construção das masculinidades, que ocorrem em paralelo com as expectativas sociais e mudanças históricas e culturais.

Assim, alinhando-se a Bola (2020), conclui-se que os espaços grupais funcionam como importantes dispositivos de reflexão crítica. Eles permitem problematizar experiências naturalizadas e elaborar novas compreensões sobre a masculinidade, como ilustrado em suas falas: “seria legal ter esse tipo de grupo em escolas”, “todo mundo precisava participar de um grupo assim”, “no meu círculo social não tenho com quem conversar sobre isso”.

No decorrer dos encontros, os próprios participantes passaram a reconhecer que muitas das escolhas, atitudes e pensamentos, eram baseadas na expectativa em corresponder aos ideais do que é dito como masculino, evidenciando que a masculinidade hegemônica é construída de forma relacional. Apesar de inicialmente apresentarem certa rigidez em torno de determinados modelos de masculinidade, os encontros e intervenções puderam propiciar reflexões críticas e vislumbrar a existência de outras formas de experienciar o que é ser homem. Para alguns, ser um homem de verdade seria ter a capacidade de se ver livre da influência da casa-dos-homens, de “se definir por si mesmo” e “não se incomodar com o que os outros pensam”¹⁰.

As problematizações de gênero permitiram aos adolescentes reconhecer como o sexismo e o patriarcado impõem padrões normativos que geram violência e sofrimento para

¹⁰ Um dos participantes chegou a reconhecer que dois outros co-pesquisadores eram “homens que eu vejo que já estão além disso”, elogiando abertamente os colegas, em um momento afetivamente relevante do processo.

ambos os sexos. Como sujeitos ativos em seu contexto sociocultural, os jovens perceberam a possibilidade de romper com essas exigências identitárias para construir masculinidades mais livres e conscientes. Esse aprendizado mútuo, tecido coletivamente por meio do diálogo e de relatos de experiência, evitou respostas prontas ou puramente teóricas. Ao assumirem o papel de co-pesquisadores e corresponsáveis pelos sentidos produzidos, os participantes conseguiram questionar concepções anteriormente naturalizadas.

4 PODCAST COMO INSTRUMENTO DE RESTITUIÇÃO SISTEMÁTICA

A restituição sistemática do conhecimento produzido às comunidades interessadas constitui uma das etapas fundamentais da pesquisa participante (Borda, 2006), portanto, foi um tópico de discussão contínua com os jovens ao longo das intervenções. Inicialmente surgiram diversas ideias sobre o formato do produto cultural, considerando realizar materiais como *flyers*, cartazes e cartilhas. Antes de definirmos a mídia ou a audiência final, o grupo entrou em consenso em relação ao conteúdo: um dos jovens propôs a elaboração de um relato da experiência, visto que outros colegas da instituição não conheciam ou compreendiam o funcionamento nem os objetivos dos encontros da pesquisa. A proposta foi bem acolhida por todos e, a partir disso, definimos que o público-alvo seria composto pelos próprios colegas da organização, amigos, familiares e outros pesquisadores interessados em metodologias participantes e grupos reflexivos. Quanto ao formato, foi escolhido um *podcast*, por sua capacidade de expressar a realidade e a fluidez das trocas dialogais.

Optamos por fazer uma mesa-redonda guiada para ilustrar a experiência do grupo de maneira mais espontânea do que uma entrevista formal ou depoimentos isolados. Desta forma, todos os integrantes contribuíram ativamente no bate-papo e na gravação. Elaboramos um roteiro semiestruturado a partir de perguntas pré-selecionadas com os jovens, incluindo sugestões deles para balizar e orientar o debate do episódio. As questões abordaram alguns dos temas geradores investigados: masculinidade, pressões sociais, paternidade, adolescência e mundo do trabalho. Durante a gravação, surgiram novas reflexões e questionamentos que evidenciaram a flexibilidade e curiosidade características do processo. No final do encontro, o foco voltou-se para a autoavaliação do próprio percurso da pesquisa, com relatos espontâneos e genuínos dos participantes sobre suas vivências.

A gravação do podcast foi um dos marcos importantes do estudo, que evidenciou o fortalecimento do vínculo, o crescimento da conexão interpessoal e o amadurecimento coletivo, pois notamos como o discurso e as perspectivas dos participantes se ampliaram em relação aos temas investigados. O encontro para a gravação aconteceu

na penúltima semana em campo, ficando a etapa de edição sob responsabilidade da equipe de facilitação nas semanas seguintes. O episódio foi disponibilizado na plataforma *SoundCloud* para favorecer a reprodução e compartilhamento entre os jovens, seus pares e demais interessados, com acesso em: <https://soundcloud.com/pesquisa-participante/masculinidade-s-em-cena>.

Após a finalização e publicação do episódio, ele foi compartilhado com os participantes e a instituição parceira. Devido ao curto intervalo de tempo entre a publicação do episódio e a finalização deste artigo, não foi possível mensurarmos os desdobramentos e as impressões geradas na comunidade de ouvintes. Porém, durante o último encontro com os adolescentes, percebemos que a gravação do *podcast* foi recebida como um encerramento dinâmico e divertido, ao mesmo tempo que refletiu uma amostra do nosso trabalho em campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa participante, amparada na psicologia social comunitária e nos debates interdisciplinares sobre masculinidades e gênero, centrou-se no referencial dos sujeitos, no vínculo e nos temas geradores do coletivo. Inicialmente proposto como um espaço horizontal de livre expressão, o percurso exigiu um remanejo metodológico quando se identificou a demanda dos jovens por informações sistematizadas. A introdução de recursos estruturados (mídias, dados e textos) atuou como vetor no processo grupal. Essa postura mais ativa e implicada da equipe engajou os adolescentes na tarefa, viabilizando a construção de um Esquema Referencial Operativo - ECRO comum, legitimando a presença destes como co-pesquisadores e corresponsáveis pela produção dos saberes e transformações vivenciais.

Além disso, acolhemos as angústias, ansiedades e resistências que surgiram como desdobramentos esperados, visto que os grupos reflexivos mobilizam intensamente esses fenômenos. Nesse sentido, um dos principais destaques foi a constatação de que os jovens iniciaram o projeto com a necessidade de responder à questão, “o que é ser homem?”, mas, paulatinamente, foram convocados a não precisar de uma resposta pronta, aprenderam a tolerar essa pergunta e, a partir disso, novas experiências se tornam possíveis.

Foi perceptível que ao longo do processo os jovens se engajaram em um diálogo genuíno e horizontal, favorecendo reflexões críticas sobre as formas de opressão e concepções rígidas-instituídas de masculinidade. Uma visão geral da experiência, conforme sintetizada por um dos adolescentes: “pensamentos e ideias são como uma

porta que só dá pra abrir por fora. Você não consegue abrir sozinho, você tem que conversar com alguém”.

A pesquisa expandiu-se de forma que, para a devolução sistemática, os adolescentes propuseram compartilhar a experiência com seus pares na instituição que frequentam, o que se materializou na gravação de trechos de um dos encontros finais em formato de *podcast*. Esse material serve também como amostra aos pares acadêmicos interessados em pesquisa participante e grupos reflexivos, demonstrando o processo e as reflexões construídas. Adicionalmente, ao serem convidados para a futura apresentação deste artigo, os jovens demonstraram desejo imediato de comparecer e ajudar na exposição do trabalho. Essa apropriação política e científica confirmou-se no encerramento, sintetizada na fala de um participante: “me vi como pesquisador”.

Reconhecemos que algumas contingências limitaram o alcance do nosso estudo. A duração restrita dos encontros (1h15) e o número delimitado de semanas em campo impactaram o tempo necessário para a consolidação do vínculo e o engajamento inicial na tarefa. Tais limitações impediram o aprofundamento na interface com o mundo do trabalho, conexão realizada devido ao alinhamento com a atividade-fim da instituição parceira; assim como não foi possível alcançar outras complexidades relacionadas a gênero, masculinidades e interseccionalidades que demandariam mais tempo para serem exploradas. O tempo reduzido também restringiu o refinamento e desenvolvimento do material de devolução sistemática, que poderia ter mais camadas e possivelmente atingir mais pessoas. No entanto, conseguimos cumprir os objetivos propostos dentro da realidade material e tempo disponível.

Vale a pena ponderar que, em acordo com os estudos de dinâmica de grupo e os princípios de Psicologia Social, consideramos que as produções de cada grupo são únicas e irrepetíveis, por isso não pretendemos propor um modelo rígido de intervenção com tal estudo, mas sim, esperamos que as nossas experiências sirvam de inspiração e demonstrem a viabilidade de projetos voltados à problematização das masculinidades, inclusive com adolescentes. Reforçamos que a proposta metodológica de investigação-participante (Borda, 2006) e conscientização ou formação crítica (Freire, 2019) se mostraram bastante eficazes no contexto de grupo reflexivo e operativo, pois favorecem um trabalho analítico-problematizador, respeitando o ritmo e dinâmica do grupo, promovendo engajamento e aprendizagem significativa¹¹.

¹¹ Este artigo foi inteiramente elaborado pelas autoras, mas contou com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial generativa. Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram o Gemini versão Gemini 3.5 Flash, operando no plano pago (Paid tier) e o ChatGPT (OpenAI), modelo GPT-5.5, pelo plano ChatGPT Go, com acesso em junho e julho de 2026, para revisão de coesão textual e síntese de alguns trechos. Após o uso dessas ferramentas, as autoras revisaram e editaram o conteúdo em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Lúcia Miranda; VIEIRA-SILVA, Marcos; ABADE, Flávia Lemos. O processo grupal e a educação de jovens e adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/tYrX6ZxttLBcsYNZH8WwhtS/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2026.
- AMBRA, Pedro Eduardo Silva. Gênero e psicanálise: a paixão pela identidade. In: SEMANA DE PSICOLOGIA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP, 2012, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/6179538/Confer%C3%Aancia_G%C3%AAnero_e_psican%C3%A1lise_a_paix%C3%A3o_pela_identidade. Acesso em: 28 jun. 2026.
- BAÉRE, F. de; ZANELLO, V. **Suicídio e Masculinidades: Uma Análise por Meio do Gênero e das Sexualidades**. *Psicologia em Estudo*, v. 25, e44147, 1-15, 2020.
- BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Tradução de Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BORDA, Orlando F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência da participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CARA, Daniel *et al.* **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas - Ministério da Educação, Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2026.
- CECCHETTO, Fátima Regina. Corpo, masculinidade e violência. In: ZALUAR, Alba (Coord.). **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 73-87.
- CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro *et al.* **Atlas da violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11004>. Acesso em: 28 jun. 2026.
- CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.
- _____. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, [s.l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 28 jun. 2026.
- FERNANDES, Beatriz Silverio. Como trabalho com grupo de reflexão. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100011. Acesso em: 29 jun. 2026.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

_____. **A vontade de mudar**: homens, masculinidades e amor. São Paulo: Elefante, 2025.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

MUSZKAT, Susana. **Violência e masculinidade**: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero. 2006. 208 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. Revisitando Adão e Eva. In: AMBRA, Pedro (Org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

_____. Desamparo e violência de gênero: uma formulação. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 125-132, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200023&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2026.

OLIVEIRA, D. R. de; OLIVEIRA, M. D. de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OSÓRIO, Luiz Carlos. Grupos Operativos. In: OSÓRIO, Luiz Carlos. **Grupos**: teorias e práticas: acessando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artmed, 2000. cap. 3, p. 32-37.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Suicide. **World Health Organization**, Geneva, 25 mar. 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 28 jun. 2026.

PY, Luiz Alberto. **Olhar acima do horizonte**: Aprendendo com as coisas simples da vida. 3. ed. São Paulo: Editora XPTO, 2002.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Masculinismo**: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 2023. 242 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: http://biblioteca.pucminas.br/teses/Ciencias-Sociais_BrunaCamiloDeSouzaLimaESilva_30430_Textocompleto.pdf. Acesso em: 28 jun. 2026.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 59-70, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5QrxkHxfMdzwgCRVjPXf8yh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2026.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STENZEL, Gabriela Quadros de Lima; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: estudo de caso de um agressor conjugal. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 625-633, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/LXvtdZsqKBb4486QcnwnNm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2026.

VILAÇA, Gracila.; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. Acesso em: 26 jun. 2026.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 09, n. 02, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2016.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.